

# Uma estrela azul para Hollywood

Saiba tudo sobre a espécie que inspirou a ararinha-azul Blu, personagem principal do filme "Rio"

LÍVIA MEIMES

A simpática ararinha Blu, da animação *Rio*, está voando na imaginação de muitos brasileiros. O filme, que estreou no início deste ano nos cinemas do mundo todo, conta a trajetória de um macho de ararinha-azul, ave exclusivamente brasileira, que é traficada para os EUA e, por acaso, acaba nas mãos de uma menina americana.

Blu cresceu domesticado, por isso, não sabe voar. Certo dia, aparece Túlio, um ornitólogo brasileiro que quer levar o pássaro para o Rio de Janeiro a fim de acasalá-lo com Jade, a fêmea que cria em cativeiro. A ideia é evitar a extinção da espécie, a *Cyanopsitta spixii*, da Caatinga Brasileira, que, apesar dos esforços de alguns conservacionistas, no final do século passado, já está extinta na natureza.

Na história, Blu e Jade são um pouco diferentes, apesar de, na verdade, o macho e a fêmea dessa espécie serem exatamente iguais. Foi um recurso didático utilizado pelo diretor Carlos Saldanha para diferenciar os dois. Outra pequena distorção da obra é em relação ao local onde viveriam esses animais. A espécie não é encontrada na Mata Atlântica.

*Rio* é um filme muito divertido e, ao fim, tudo dá certo. Outras histórias, porém, infelizmente, são bem reais, como a extinção das diferentes espécies da arara-azul e a problemática do comércio ilegal de aves e a destruição de habitats no país.

O primeiro passo para conservar a natureza, defendem muitos ambientalistas, é conhecê-la melhor. Inspirado nisso, o Nosso Mundo traz a ficha completa da ararinha-azul. Confira.

livia.meimes@zerohora.com.br

## SAIBA MAIS

Para proteger e pesquisar essas espécies, foi criado o **Projeto Arara-Azul**, que tem dois centros de visitantes durante o ano inteiro, no Pantanal de Miranda e no Refúgio Ecológico Caiman.

O projeto também **recebe visitantes de outras regiões** do país desde 2006 para estimular o turismo de observação e o ecoturismo no Pantanal.

## TUDO SOBRE A ARARA

São conhecidas quatro espécies do gênero: *Anodorhynchus hyacinthinus*, *leari* e *glaucus*, e *Cyanopsitta spixii*

**A. hyacinthinus, A. leari e A. glaucus** são consideradas as verdadeiras araras-azuis por serem predominantemente desta cor. O gênero *glaucus* está extinto, e as outras duas estão na lista mundial de espécies ameaçadas, classificadas como "criticamente em perigo" a arara-azul-de-lear (*A. leari*, com cerca de 600 indivíduos) e "em perigo" a arara-azul-grande, que tem a maior população do gênero na natureza, pois vem se recuperando no Pantanal. A espécie, porém, ainda sofre com a captura para o tráfico, principalmente em outras regiões do Brasil, e pela descaracterização de seu habitat.

A espécie ***Cyanopsitta spixii*** é popularmente conhecida no Brasil como ararinha-azul. Embora esteja extinta na natureza, vem sendo reproduzida em cativeiro para futura reintrodução. A **ararinha-azul e a arara-azul-de-lear** são genuinamente brasileiras, pois sua distribuição é restrita ao Brasil, no Estado da Bahia.

**REPRODUÇÃO**  
Faz ninho em buritizeiros e em outras árvores ocas, bem como em escarpas.

A base do bico e o anel ocular são nus e de **cor amarela**.

As partes internas das asas e do rabo são **negras**.

A espécie mede cerca de **98 centímetros** e pesa **1,5 quilo**.

Gigante entre as araras, a **arara azul grande** é considerada o maior representante da família em todo o mundo. Encontra-se ameaçada de extinção devido à destruição de seus habitats e ao comércio ilegal.

Sua coloração é inconfundível, principalmente a **azul intensa**, com diferentes tonalidades.

### O PLACAR DAS ARARAS

A **arara-azul-grande** está ameaçada de extinção na categoria vulnerável. A **arara-azul-de-lear** está criticamente ameaçada. A **ararinha-azul** está provavelmente extinta na natureza. A **arara-azul-pequena ou arara-celeste** é considerada extinta, embora haja rumores de avistamentos e de tráfico.

### ONDE ESTÁ

Presente no Brasil nos Estados de Mato Grosso (Pantanal), Goiás (Rio Tocantins), Minas Gerais (médio São Francisco), Bahia (alto Rio Preto), sul do Piauí (Correntes) e do Maranhão, Pará (Transamazônica e leste do Estado) e Amapá (próximo ao Rio Amazonas). Encontrada também na Bolívia, próximo da divisa com o Brasil e norte do Paraguai.

### HÁBITAT

No Pantanal, a arara-azul-grande vive em áreas abertas, nas matas com palmeiras, enquanto seus ninhos estão localizados na borda ou no interior de cordilheiras e capões, bem como em áreas abertas para o pasto. Na região do Pará, utiliza as florestas úmidas, preferindo locais de várzeas ricas em palmeiras. Nas regiões mais secas, prefere os platôs e os vales dos paredões rochosos. Faz ninhos em ocos de palmeiras, em árvores emergentes ou em falhas de paredões rochosos.

### ALIMENTAÇÃO

No Pantanal, a arara-azul-grande come, sobretudo, os coquinhos das palmeiras acuri e bacaiúva. Os bandos se alimentam nos cachos que pendem das palmeiras e também descem ao chão para comer coco caídos, inclusive aqueles que foram comidos por vacas.

### COMPORTAMENTO

Habita buritizeiros, florestas de galeria e cerrados. Vive em casais, grupos familiares ou pequenos bandos. Ao que parece, realiza movimentos migratórios.

### A ARARA AZUL E A EXTINÇÃO

No passado, a arara-azul-grande era bem mais comum no Pantanal. Capturada e comercializada como ave de gaiola, durante a **década de 80**, seu número na região caiu para cerca de **1,5 mil** aves.

O Projeto Arara Azul, que teve início nos **anos 90**, ajudou a triplicar o tamanho da população local, e hoje existem mais de **5 mil** exemplares.

Em **1988**, a população total da espécie foi estimada em apenas **2,5 mil** aves. Devido ao combate ao comércio ilegal e à criação de reservas ecológicas, o número de indivíduos dessa espécie cresceu para aproximadamente **4 mil** em **2010**.

Fontes: Marta Arjel, ornitóloga do Projeto Arara-Azul, e Carla Suertegaray Fontana, do Laboratório de Ornitologia do Museu de Ciências e Tecnologia PUCRS

ARTIGO

# SACOLAS PLÁSTICAS, UM DEBATE A SER AMPLIADO

**ANTÔNIO CESA LONGO** é economista e presidente da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas)



Quando o assunto é responsabilidade ambiental, um tema recorrente emerge, de imediato, à cabeça dos brasileiros. Rotuladas como vilãs pela opinião pública, as sacolas plásticas nunca estiveram em tal evidência como agora. Recentemente, os governos de Minas Gerais e da cidade de São Paulo extinguíram os sacos plásticos convencionais dos supermercados. Experiências semelhantes instituídas em outros países e Estados, bem como estudos desenvolvidos por órgãos intimamente alinhados à questão sustentável, vêm provando, no entanto, dia após dia, que esse é um debate longo, promissor e indispensável, mas que está apenas começando.

A demonização dos sacos plásticos não é recente. O Paraná, por exemplo, estabeleceu há cerca de três anos que o varejo distribuído aos consumidores exclusivamente sacos de material oxibiodegradável, à época apontado como a solução. Atualmente, pesquisas comprovam que esse material é mais prejudicial ao ecossistema do que as sacolas tradicionais, devido à ação química da substância adicionada ao plástico para acelerar sua decomposição.

Entendemos, pelo estágio inicial do debate no Brasil, que, em Minas Gerais e em São Paulo, o equívoco poderá se repetir, e não podemos manter os consumidores na iminência de pagar essa conta.

Os supermercados gaúchos gastam R\$ 190 milhões por ano com a aquisição de 1,5 bilhão de sacolas plásticas. O varejo seria, portanto, o maior beneficiado com a proibição da distribuição desse material. Além disso, não há alternativas consistentes para substituir as sacolas plásticas. Econômicas, duráveis, resistentes, práticas, higiênicas e inertes, são reutilizáveis e 100% recicláveis. Para tornar ainda mais complexo o debate, um

instituto britânico divulgou, há dois meses, estudo que comprova que, para "empatar" com a sacola plástica em termos de sustentabilidade, um saco de algodão precisa ser utilizado 131 vezes sem ser lavado, em função dos danos causados à natureza em seu processo produtivo.

As sacolas plásticas tradicionais não poluem quimicamente o solo. Só trarão malefícios se descartadas equivocadamente. Elas têm o mesmo poder calorífico do diesel, e não aproveitar esse potencial é desperdiçar energia. E é exatamente nesse ponto que entra a participação do poder público: entendemos que é papel do governo, acima de qualquer outra esfera da sociedade, criar soluções para esse problema. Mais do que ampliar a coleta seletiva a toda a população, é imperativo, também, que se incentivem as cooperativas de catadores e criem-se usinas de reciclagem. Se aplicássemos aos sacos plásticos a mesma destinação das latinhinhas de bebidas, por exemplo, o problema estaria resolvido. O Brasil recicla 30% do lixo que produz, mas apenas 22% dos plásticos são reciclados. Além disso, embalar o lixo em plástico é uma recomendação dos órgãos de saúde para que se evitem contaminações.

É para discutir todas essas questões que realizaremos um fórum, no dia 26 de julho, trazendo imprensa, poder público, varejo, indústria e consumidores para o debate. Os supermercados gaúchos vão apoiar e aderir a qualquer alternativa que seja comprovadamente eficaz na redução do impacto ambiental e que mantenha a praticidade para a população.

A regulamentação da qualidade das sacolas plásticas distribuídas, o treinamento de empacotadores e uma maior conscientização dos gaúchos culminou com uma redução de 20% no uso de sacolinhas nos últimos três anos em nosso Estado. A Agas entende que é pouco, e que o consumo das sacolas plásticas ainda pode ser reduzido. Nossos estudos mostram que 65% das sacolas plásticas saem dos caixas sem ter sua capacidade total utilizada, e que 13% dos gaúchos levam sacolas extras para outras utilizações.

A solução pode começar, portanto, por nossas casas. O debate está inadiavelmente lançado.